

POÉTICAS DA VOZ E CULTURA

DAIMISTA/AMAZÔNICA: DIÁLOGOS, TRADUÇÕES E REPRESENTAÇÕES

10.29327/210932.9.1-5

Fernanda Cougo Mendonça
Universidade Federal do Acre

cougo.fer@gmail.com

https://orcid.org/0000-0002-8302-8302

RESUMO: Apresenta-se aqui um recorte da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. Adotando-se os Estudos Culturais (HALL, 2003; WILLIAMS, 1979) como referencial teórico-metodológico, a linguagem é percebida como terreno de lutas. Nesse sentido, em diálogo com os contos e cantos de Luiz Mendes transcritos - documento oral produzido de acordo com a metodologia da História Oral (PORTELLI, 2010); olhando pelas lentes de poéticas da diversidade (GLISSANT, 2005), repertórios de resistência (HALL, 2003), epistemologia da Ayahuasca (ALBUQUERQUE, 2011) - objetiva-se revisitar aspectos da “cultura daimista” vivida, lembrada, proclamada pelo orador do Mestre Irineu; fazer soar ecos dessas poéticas da voz/literatura oral daimista/ayahuasqueira/amazônica e da epistemologia outra que a perpassa; trazer à tona traduções/representações orais e escritas de saberes/fazer que subvertem padrões hegemônicos e podem contribuir para a descolonização das mentes. Trata-se, ainda, de uma concepção/apresentação “revolucionária” (FREIRE, 2014), talvez, de textos literários-acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Daime. Luiz Mendes. Poéticas da voz. Culturas amazônicas. Traduções/Representações.

APRESENTAÇÃO

A palavra recebida faz um vazio vivo e, por isso, criador, fecundo. No cheio saber não pode brotar nada. [...] Por isso escutar é se deixar dizer algo que não se busca e que não se quer, algo que definitivamente não depende de nossas perguntas. (LARROSA, 2004, p.44)

O presente artigo constitui um breve recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre. Pesquisa tecida em diálogo com o senhor Luiz Mendes do Nascimento, ancião daimista¹ nascido na Amazônia acreana; diálogo com suas memórias e artes verbais. Aproximo-me, pois, da pessoa de Luiz Mendes; das memórias gravadas em seu corpo vivo, da poética da voz que desse corpo emana; de uma vida que se entrelaça a outras vidas e juntas se transformam, criando e recriando histórias, memórias e identidades. Uma voz que ressoa no interior e a partir da doutrina do Daime, de uma comunidade amazônica. É da simplicidade que desejo me aproximar procurando trazer à tona os saberes, fazeres, dizeres e cantares apreendidos da/na presença de *seu* Luiz . E, em contato/diálogo com esse

¹ Ao final do texto há um breve glossário para os leitores que não estejam familiarizados com alguns termos aqui abordados.

ancião conhecido como o orador do Mestre Irineu, me proponho a revistar uma dimensão da “cultura daimista”.²

Feitas essas considerações iniciais pontuo que, atenta à proposição em epígrafe e ancorada na metodologia da História Oral de Alessandro Portelli (1997), procurei, tanto em campo quanto em minha apreciação escrita, escutar o narrador. E pude notar que a temática da cura de doenças, e também da morte, é bem presente nas palavras (e posso dizer, na vida) de Luiz Mendes. Na primeira entrevista que fiz, pedi que *seu* Luiz me contasse como chegou ao Daime. Ele introduz a narrativa situando o seu conhecimento dentro da doutrina do Mestre Irineu, afirmando ser ela “o maior achado” de sua existência. E, na sequência, começa a contar que era acometido pela doença do alcoolismo e desejava se curar. Após longa explanação sobre os primeiros contatos com o Daime e sua primeira miração, afirma que recebeu a cura almejada e dali em diante se “agarrou” a essa doutrina. Abrindo um parêntesis, gostaria de observar que as narrativas cotidianas de Luiz Mendes são permeadas por citações de diversos hinos da referida doutrina; poemas cantados. Além de serem entendidos como ensinamentos sagrados que contêm instruções para a vida, na voz do orador, os hinos são também uma forma de constituir sentido para suas experiências vividas/narradas.

Em outra ocasião, falando sobre os trabalhos de cura, *seu* Luiz pondera que dentro da doutrina do Daime “se a gente for classificar, porque não dá pra entrar em classificação, mas é o trabalho mais necessário!”. E diz ainda que ele mesmo foi curado, não só uma, mas diversas vezes: “Eu já recebi muitas curas. Muitas curas. Curas assim, que olha, a gente diz porque, finalmente é com a mesma linguagem, né. Milagrosas! Curas milagrosas!”. Aqui o narrador toca em um ponto importante. Vai contar algumas curas milagrosas que recebeu porque, afinal, falamos a “mesma linguagem”. Caberia perguntar: o que ele está dizendo com isto? Que linguagem seria essa? Noto que ele faz essa observação acerca da compatibilidade (ou incompatibilidade) da linguagem em outros momentos, quando se refere às vivências extáticas em sonhos e mirações; a contatos sobrenaturais com seres que habitam os reinos da natureza e com os espíritos dos mortos.

Considero que Luiz Mendes está me dizendo que tais saberes pertencem a um domínio não inteligível a uma lógica racional eurocêntrica. Que estou diante de uma visão de mundo não explicável e/ou compreensível por uma epistemologia moderna ocidental. Ele narra suas memórias, canta seus hinos, exerce sua oratória dentro e a partir da doutrina do Daime. Seus interlocutores podem compreendê-lo porque compartilham da mesma ciência. A ciência dessa bebida ancestral (conhecida de forma generalizada como Ayahuasca), no contexto do trabalho desenvolvido por Mestre Irineu (aqui chamada de Daime). Como destaca a professora Maria Betânia Albuquerque, “[p]ara além do conhecimento científico existem, portanto, saberes que se inscrevem em outros critérios de inteligibilidade do real que não aqueles estabelecidos pela ciência moderna” (ALBUQUERQUE, 2015, p.650).

Nos processos de desnaturalização de discursos instituídos, é preciso considerar que a modernidade ocidental é indissociável do projeto eurocêntrico de expansão/dominação. A ciência moderna, portanto, passa a ser lida aqui como epistemologia que embasou, e

2 A expressão está colocada entre aspas porque, fundamentada nos referenciais teórico-metodológicos da pesquisa, entendo que não existe uma cultura do Daime no singular. Ela não pode ser fixada em inventários fixos ou a partir de essencialismos enganosos, porque se trata de uma tradição viva; aprendida, vivida, constituída, atualizada por diferentes pessoas, em diferentes tempos e contextos. Pessoas que também são vivas.

ainda embasa, a colonização/expropriação de territórios, corpos e mentes (ANTONACCI, 2014. GILROY, 2001). Ciência que, nas palavras de Boaventura de Souza Santos, possui, entre outras, as seguintes características:

[...] distinção entre sujeito e objeto e entre natureza e sociedade ou cultura; redução da complexidade do mundo a leis simples e susceptíveis de formulação matemática; uma concepção da realidade dominada pelo mecanismo determinista e da verdade como representação transparente da realidade; uma separação absoluta entre conhecimento científico – considerado o único válido e rigoroso – e outras formas de conhecimento. (SANTOS *apud* ALBUQUERQUE, 2011, p.28.)

Para além desse “Pensamento Abissal”, portanto, considero que os saberes vividos/lembrados/narrados por Luiz Mendes se inserem em “Epistemologias do Sul” (SANTOS, 2009) ou, mais especificamente, como sugere a professora Betânia, em uma “Epistemologia da Ayahuasca” (ALBUQUERQUE, 2011).

Voltando a Luiz Mendes, sabendo que a pesquisa culminará na escrita do livro e falando diante do gravador, ele pondera que certas experiências “a gente não pode nem contar pra todo mundo”, mas mesmo assim as narra (pelo menos em parte). Poderia parecer contraditório, portanto, registrá-las e torná-las públicas. Contudo, ressalto que escrevo para aqueles que entendem essa “linguagem”, pois meus principais interlocutores são os próprios daimistas. Mas também escrevo para aqueles que, se libertando da colonização interior - aquela que, nas palavras de Hampâtê Bá (2003, p.331), intenta “esvaziar-nos de nós mesmos para nos encher com a maneira de ser, agir e pensar do colonizador” - desejam abrir-se ao Outro; abrir-se à diversidade de culturas, saberes e fazeres.

Cabe ressaltar, ainda nesta introdução, que percebo as memórias narradas de Luiz Mendes como artes verbais; poéticas da voz; literatura oral daimista e amazônica; “performances e literaturas insurgentes” que subvertem sistemas de avaliações e classificações da modernidade norte ocidental. Suas narrativas não se enquadram em gêneros literários canônicos euro e etnocêntricos, excludentes e exclusivistas. Embora gravadas em entrevistas e conversas cotidianas não as escuto/leio como simples relatos, porque são providas de arte, de poesia e por isso decidi chamá-las de contos. Mesmo que versem sobre suas experiências de vida, experiências cotidianas e extáticas e, portanto, não possam ser tomadas como ficção, elas também não trazem o real vivido porque estão inseridas na linguagem. E dentro dos referenciais aqui adotados (com destaque para os Estudos Culturais) a linguagem é, em si mesma, ficcional e subjetiva. Terreno de lutas.

Nesse sentido, retorno a Portelli, que diz que o ato de transcrição é um ato de escolha (técnica, cognitiva e política) e, portanto, o início da interpretação e a continuação da elaboração de um texto multivocal. E é também uma arte, porque “muitas das decisões são intuitivas... estão ligadas a seu gosto, a sua sensibilidade, a seu instinto” (PORTELLI, 1997, p.38). E, assim, como transcritora das performances de Luiz Mendes e coautora do documento oral, faço escolhas “que – mesmo em detalhes aparentemente secundários como a pontuação ou a ortografia – são indícios significativos do comportamento mental com que conduz[o] tal operação” (PORTELLI, 2010, p.70). Balizada por Benjamin e a “tarefa do tradutor”, mantenho a fidelidade às palavras de *seu* Luiz e vou procurando algumas soluções para essa transposição/tradução do oral para o escrito (BENJAMIN, 1998). Destaco que a tradução é entendida aqui, em consonância com Larrosa, como “tradução

da própria língua”; experiência que “não tem somente a ver com o que acontece na mediação entre línguas, mas se amplia a qualquer processo de transmissão ou de transporte de sentido” (LAROSSA, 2004, p.63).

Assim, em diálogo com os contos e cantos a seguir (o documento oral), olhando pelas lentes da circularidade de culturas, de poéticas da diversidade (GLISSANT, 2005), de estéticas das diásporas (HALL, 2003) e da epistemologia da Ayahuasca (ALBUQUERQUE, 2011), almejo visitar alguns aspectos da “cultura daimista” conforme vivida, lembrada, narrada, cantada... por um dos arautos de Juramidam. Objetivo trazer à tona algumas notas da voz poética daimista/ayahuasqueira/amazônica de Luiz Mendes; dessa literatura oral produzida nas Amazônias, onde a vida e a linguagem narrativa são perpassadas por diferentes cosmologias, diferentes formas de percepção. Literatura/poesia oral daimista-amazônica que, ao invés de ser lida a partir das lentes etnocêntricas, essencialistas e dicotômicas da modernidade ocidental, é entendida aqui como “repertório de resistência” (HALL, 2003). Repertório que traz à tona epistemologias, ciências e culturas outras, que não aquelas impostas nos processos de colonização.

Ciente de que a linguagem constitui um campo de tensão; de embates sociais, políticos, culturais (HALL, 2003; WILLIAMS, 1979; BAKHTIN, 2009), ao propor neste artigo um diálogo horizontal com Luiz Mendes, suas narrativas e saberes, faço minhas as palavras de Paulo Freire, ao afirmar que

[es]te diálogo, como exigência radical da revolução, responde a outra exigência radical – a dos homens como seres que não podem ser fora da comunicação, pois que são comunicação. Obstaculizar a comunicação é transformá-los em quase ‘coisa’ e isso é tarefa dos opressores, não dos revolucionários (FREIRE, 2014).

Trata-se, portanto, de uma perspectiva, talvez, “revolucionária” de concepção e apresentação de textos literários-acadêmicos; um estudo aberto e inconcluso; um diálogo de muitas vozes (BAKHTIN, 2011), a partir do qual são tecidas traduções/representações escritas de traduções/representações orais de saberes e fazeres. Saberes e fazeres que, de forma sutil e despreziosa, subvertem padrões culturais hegemônicos e trazem à tona vozes silenciadas no processo de colonização/dominação de territórios, corpos e mentes.

CONTOS E CANTOS

Os contos³ (e cantos⁴) aqui transcritos foram narrados na primeira entrevista que fiz com Luiz Mendes. Na ocasião, pedi que, ao longo de nossas conversas, *seu* Luiz contasse o que lhe viesse à memória a respeito de sua trajetória na doutrina do Daime: desde quando chegou à casa do Mestre Irineu, do que ele andava atrás... que pudesse contar um pouco desde aquela época até chegar à sua atual vivência na comunidade Fortaleza. Sorrindo,

3 Os contos 1 e 2 aqui compartilhados foram gravados e transcritos durante a pesquisa realizada e fazem parte do livro “O Orador do Mestre Raimundo Irineu Serra” (MENDONÇA; NASCIMENTO, 2019). Fundamentada na metodologia da História Oral, tal como proposta por Portelli (2010), evitando uma hierarquização de saberes (onde comumente prevalece a voz/letra do pesquisador sobre a do narrador) e considerando que conteúdo e forma não estão dissociados, no texto escrito opto por manter as falas transcritas de Luiz Mendes sem recuo e com o mesmo tamanho da fonte do texto geral. Vale lembrar que o referido livro foi publicado em coautoria com Luiz Mendes pois suas narrativas constituem o cerne da pesquisa. Nesse sentido ele é também coautor deste artigo, mesmo que *in memoriam*. Contudo para que o leitor possa visualizar com mais clareza a alternância de falantes no diálogo que proponho no texto, coloco as narrativas de Luiz Mendes em itálico. Conforme já mencionado na introdução, são escolhas (técnicas, cognitivas e políticas) presentes no ato da transcrição, não constituição do documento oral.

4 Os dois cantos transcritos, bem como as partituras, tal como no livro do “Orador do Mestre Raimundo Irineu Serra” (MENDONÇA; NASCIMENTO, 2019), foram incluídos por mim para que os leitores possam adentrar um pouco mais ao contexto poético daimista do orador. As partituras são, ainda, índices de oralidade. Os cantos são citados por Luiz Mendes em suas narrativas.

ele disse: “É muita história, criatura!” E com sua calma, sua voz pausada e melodiosa; com a simplicidade e alegria que parecem sempre lhe acompanhar, ele começou a contar...

Conto 1 - Chegando à casa do Mestre

Luiz Mendes: *Eu, num diria que, num digo, que conheci o Mestre na sua plenitude né? Vi ele muitas vezes, mas num vou ousar em dizer assim que, na sua plenitude eu pudesse ter tido o conhecimento assim que precisava ter. Mas ao longo desses anos a gente vem nessa batida, nessa caminhada, então, já hoje é diferente. Totalmente não, mas assim um pouco bom eu conheço do Mestre e, foi, justamente aquela coisa que a gente pode, com certeza, o hino do Saturnino figura muito bem, né? O maior achado! [Pausa]*

[Canto 1 - Subi

Subi, subi, subi eu subi

Eu subi com amor e alegria

Chegando lá encontrei

Com a festa da Virgem Maria

Aqui eu quero ficar

Tenho pai, tenho mãe e meus irmãos

Cantemos manos em louvor a Jesus

Dando viva a São João

Esta doutrina é o nosso maior achado

O mais importante tesouro

Feliz de quem consagra

A sua chave de ouro

Subi

Grade Pd Luis Mendes

Hino nº 49, “Pequeninho”, Saturnino Brito do Nascimento.

*Partitura escrita por Marcelo Bernardes]

Eu tive a felicidade, como tantos outros da minha época, de muito novo, ter ingressado, nessa doutrina, nessa casa, né. Mas, hoje já eu tô consciente, que a gente não se governa, quem nos governa é um poder bem superior né.

Então impulsionado por isso e pela necessidade que havia que eu tinha vontade de ficar bom duma doença que eu era bem acometido, que era o alcoolismo, né. Eu já havia aqui, ali, acolá, ouvido alguém falar dos trabalhos do Mestre, né. Só que eu ia deixando pra lá, deixando pra lá, procurando até, outros canais, assim cheguei realmente a me recorrer de diversos seguimentos né, até mesmo de remédios tais e tais, mas continuava no mesmo. E aí eu tinha vontade, num era nem uma coisa que eu quisesse que fosse daquele jeito, eu tinha vontade de encontrar pra isso buscava aqui, ali, acolá, um, uma força assim que eu pudesse assim, contar essa vitória: deixar de beber. [Pausa] Até porque, ninguém sabe beber e eu muito pior. Não sabia beber. Aprontava tantas que não devia. Hé, hé, hé, hé, hé. Enfim, aí [pausa] novinho... mas, graças a Deus bem relacionado, eu fui muito disputado, pra, he, he, he, pelas moças da época e tudo, ô, mais era mais que’u queria e tal e cheguei a realmente a chegar assim ao ponto de ver a coisa ficar bem séria ou, vai ou não vai mas sempre ti-tinha uma coisinha é, he, he, he, he, deixava isso pra lá. O que na realidade no meu caminho já, eu acredito muito nisso,

já tinha uma pretendida indicada... E aí, tinha visto ela umas duas vezes passando, assim, e tal, e aí o Daniel Serra, de saudosa memória, meu compadre, também novo e a gente era colega de farra, de forró, e das redondezas e ele gostava muito e aí juntou-se comigo e foi um grande colega.

Aí um dia ele foi me convidou, era o aniversário do Mestre com um forró, que o Mestre ele fez muito assim. Ele fazia era festa de dança no aniversário dele. Eu ainda compartilhei. Eu lembro bem da última. Pois bem. Aí o Daniel disse:

_ Rapaz olha vai, o aniversário do tio, tal, tal, tal. - Aí digo:

_ Olha compadre, eu tenho até tido vontade mas eu vejo, eu vejo dizer que lá é uns regulamento danado e aí se cartarem comigo e eu der por lá um, um trabalho e tal, que, há, há, há, há. Pra entrar lá não entra qualquer um, era o que, se ouvia publicar. Por isso ainda eu não fui. - Disse:

_ Não, tu vai. Que quando tu chegar eu tô na porta pra te receber e você fala com meu tio, tal. - Eu digo:

_ Rapaz, dentro dessa garantia eu vou.

Aí eu fui, né. Mas ainda, deixei minha, minha, minha meiotá, a gente chama, lá no portão, né. Era distante assim, deixei lá dentro de uma moitinha, cheguei lá já triscado. Mas sabendo tudo direitinho né. Quando eu cheguei realmente. Aí tinha um, duas fileiras de homens na entrada, uma dum, uma dum lado outra do outro, que quem ia chegando passava no meio né. Que era pra se identificar, sei lá, mas aí a minha garantia era meu compadre Daniel. Quando ele me viu aí ele disse:

_ Ô Luiz! O Luiz aqui é meu.

Aí... ...é... e, he, he, he, he, eu entrei. Entrei, aí, o padrinho tava sentado assim, no tamboretão dele. A primeira vez que eu vi ele, realmente, num conhecia. Aí, eu digo:

_ Boa noite, Mestre! - Disse:

_ Boa noite, cidadão!

Aí eu achei aquilo tão delicado, aquela coisa assim, com tanta presteza, com tanto carinho: "cidadão" ... hé, hé, hé, hé, hé, hé. Aí digo:

_ É, Mestre eu, vim por aqui, o compadre Daniel me convidou e a gente é amigo e tal.

_ Ôpa, legal, companheiro, então... quando... o tocador puxar a parte você pode tirar qualquer uma dama e, e sair dançando, né.

E lá não era permitido se dançar, é... mas isso aí eu já, o Daniel já tinha me dado, se dançar mais de uma vez com a dama, ligado, sabe? Dançou, aí então nós vamos repetir! Não, tinha que dançar com todas as damas, né? É legal isso, né? He, he, he, he. Pra num ficar aquelas que, e uma impugnada porque ai tem, tem umas damas que Nossa Senhora! E, he, he, he, he.

Fernanda: *he, he, he... e aí, tomava Daimé?*

Luiz Mendes: *Tomava Daimé! Era com Daimé! Só que eu, até aí nada de querer Daimé, né? Daimé foi depois que eu casei. Ai daí começou a minha história com a mulher que aí... ...eu fiquei, malandro né... ...lá... ...num canto da sala... ...olhando o pessoal dançando. Inclusive o padrinho dançando, todo mundo alegre, e aquela baixinha, mas pisando mesmo num sei com quem, lá. Pisando mesmo em cima da fivela. Aí, eu era metido a dançador, é, he, he, eu conhecia! Aí digo, vou tirar ela pra dançar. O tocador apontou lá eu sinalizei, bastava sinalar. Eu parti assim dançando com ela. Poxa! E tal! E aí, he, he, he, he. Aí, he, he, aí eu já tinha todas as informações pra num entrar em, se era uma mulher mesmo que, num tinha impedimento nenhum e tal, eu tinha, eu já tinha esses cuidados assim. Aí o Daniel era quem me informava. Aí eu... ...lá umas horas eu digo:*

_ Você quer namorar comigo? - Aí ela disse:

_Valha-me Deus! Num fala isso não, aqui num se fala, não se comunica. Ninguém, dançando ninguém conversa!

A, há, há, há, há. Essa o Daniel não me avisou! O ho, ho, hé, hé, hé, hé [risos e tosse]. Mas aí quando terminou uma parte, aí eu dei um apertãozinho na mão dela, aí ela correspondeu... eu digo há, há, há, há, há, [gargalhada!!!] eu disse tá no papo! A, há, há, há, há. Aí daí começou né, nossa história e, e tal, tal, tal, até, se realizar o casamento porque também num demorou muito tempo não. Foi rapidinho. Eu num tinha nada. Fui fazer uma casa e mobiliar como podia e aí, enfim, casamos, né? Mas, mesmo, sem eu ser da sessão, eu já, fiquei com aquela amizade, com o Mestre. Quando eu pedi, ela a casamento, o véio e a velha, com muito gosto, os irmãos né? Mas aí a velha me fez um pedido, disse:

_ Mas seu Luiz, o senhor sabe que ela pertence à doutrina do Daime aí do Mestre Irineu... - Eu digo:

_ Não, senhora, eu sei. - Aí ela disse:

_ Eu vou lhe fazer um pedido: O senhor, é... Dê, liberdade a ela pra ela vir os trabalhos. - Aí eu digo:

_ Eu vou fazer mais do que a senhora tá pedindo porque ela vem e eu venho acompanhar ela.

Há, há, há, há, há. Aí eu vim. A primeira oportunidade, mas Daime eu num queria nem acordo. Gostava do papo, daquele, aquele movimento todo, a caçuma, mas quando chegava na hora do Daime... Precisando que só! Mas, se dá, é mesmo, é a vontade de cada um.

Mas aí eu sempre fui assim uma pessoa que tive facilidade assim de, de, de observar, né. Observava as coisas e via né, uma alegria, aquele povão! Porque, na época, era uma multidão! Que, era só o Centro de Daime era só o do Alto Santo. Nem a UDV, neste tempo parece que ainda nem existia. Que a UDV era ligado com Porto Velho, né. Lá é que é a fonte né, de nascimento! Aqui em Rio Branco, a não ser a Barquinha, né, só o Mestre Irineu! Então era muita gente, né? Aí eu via desde um recém-nascido até aqueles velhinhos ancião, tudo tomando Daime. Autoridades... existia! Major Holderness, que foi da polícia. Desde a menor até as maior, a graduação! Era, sei lá, era uma autoridade. E ele era do trabalho e etc., etc., outros, outros. Aí eu começava a pensar. Eu digo, num é possível que esse povo teje iludido com uma coisa que num sirva. Deve ter algum fundamento. Poxa! Tanta gente. Aí eu digo: "Cê sabe? É eu mesmo que tenho que procurar". Aí eu botei na cabeça eu digo, "no próximo trabalho, que eu for, eu vou pedir Daime. Tomar Daime".

Aí houve um trabalho lá no compadre Chico Granjeiro. Era uma, tinha, existia muitas regras neste tempo né. Na, com, o Mestre presente. Aí eu fui acompanhar a Rizelda, né. Aí nesse dia me deu vontade. Eu digo, "cê sabe de uma coisa que eu vou é tomar Daime também". Aí entrei na fila. Quando chegou a minha vez ele olhou assim pra mim e disse:

_ O senhor falou com o Mestre? - Eu digo:

_ Não, senhor.

_ Então, não vai tomar Daime hoje não. Você tem que falar primeiro com ele.

Era assim! Era assim. Falar primeiro com ele. Eu digo:

_ Ah é?! Então desculpa.

Então, aquilo não me ofendeu em nada, regra... Mas aí o próximo da, da, da sede mesmo, quando nós fomos entrando no portão, eu ainda consultei com a mulher, ela aqui do meu lado, eu digo:

_ Olha, hoje eu vou resolvido a, a tomar essa bebida aí, né? O Daime! O que que tu acha? - Ela:

_ Tu é quem sabe! - Há, há, há, há. Hé, hé. - Eu digo:

_ Ah, é eu?

_ É, tu é quem sabe!

Aí, também, digo, entrei na fila... ...sem falar com ele antecipado, deixei pra falar na hora né? Ainda teve este detalhe. Aí, chegou a minha vez, aí eu saudei ele. Eu digo:

*_ Olha Mestre, eu hoje eu vim resolvido a tomar essa sua santa bebida... não, o Daime, né, o Daime!
- Ele disse:*

_ Tá bom, legal!

Aí encheu um copo... ...não sei se foi uma concentração ou se foi um trabalho pequeno. Aí logo mais terminou o trabalho e eu, do mesmo jeito... ...senti nada diferente. Ele mesmo me perguntou:

_ Que tal, Luiz? - Eu digo:

_ Mestre, num vi nada. - Aí nas palavras dele sempre ele dava uma esperança:

_ Não, mas é assim mesmo, é assim mesmo. Tem pessoas que é assim. Toma uma vez, duas, três - Parece que ele já tava me dizendo - E num vê nada. E outras não, chegam aqui pela primeira vez, já sai contando... Vamos pra frente!

E é, vamos! Aí outro trabalho: segunda vez... ...nada... ...a mesma coisa. Ele foi me disse também as mesmas palavras, né? Mas aí eu já comecei a, a, a entrar assim num astral de descrença, assim, eu digo e aí? Porque é né? Aí neste tempo a gente tinha a liberdade de ter um Daimezinho em casa. Pelo menos eu morava neste tempo com a comadre Ana, compadre Elias, ele tinha os Daime dele aí, eu já tinha tomado Daime, só que não tinha mirado. Aí perguntei ao Elias, eu digo:

_ Rapaz, olha vocês me dão um pouco de Daime hoje pra eu tomar aqui em casa?

_ Ora, pois não e tal...

Aí já ataram uma rede pra mim lá na sala... Aí tomei um copo cheio... Me deitei. E espera, e espera, e espera, e espera... ...e eu já tava já... ...eu digo vai terminar dando no mesminho! Aí de repente, armou, uma tela assim, bem próximo. Aquela telinha de ouro! Eu conhecia que aquela tela era tudo ouro. Mas tinha uns ciscozinhos aqui, ali, acolá... aí de repente um grupo de, de mulherzinhas com as vassourinhas, parecia um beija flor voando e, limpando, né, aqueles, aqueles cisquinhos, tal. E eu olhando e achando aquilo interessante. Aí... ... "páh!" ... [faz o sinal indicando que cortou bruscamente a visão] ...pronto! Eu fiquei... ...do mesmo jeito! Parece que... Aí em vez de ficar acreditando em alguma coisa eu fiquei mais descrente ainda, eu digo: mas olha, será que o povo tá iludido só por essa coisinha que eu vi aí, será que é só isso? Que pra mim, foi tão sem sentido, tão rápido! Fiquei naquela. Eu vou é deixar de tomar esse, esse negócio aí.

Aí quando foi na quarta vez é na sede. Era até o aniversário dela, da Rizelda. Hinário do Antônio Gomes e da velha Ana. Aí... Ele servindo Daime. Eu me lembro até da besteira que eu disse pra ele. Eu entrei na fila, quando foi chegando a minha vez eu digo:

*_ Olha, Mestre, até aqui eu não tenho nada pra contar. Me dê Daime pra mim mirar! Eu quero mirar!
- Aí ele, olhou assim pra mim e disse:*

_ Eu vou lhe dar Daime pra você mirar.

Aí... ...há, há, há, há, há, foi [entre risos] era o que tava faltando, minha irmã! [Risos] Nossa Senhora! Aí... ...he, he, aí... ...he, he, aí os fluidozinhos né, peguei por lá um maracá, e já tinha prestado atenção na ginga, nos passos e tal... Eu também faço isso! Eu sou bom dançador, quem é que também não baila bem! Aí ofereceu lá um espaço e eu sei que eu entrei na fila. Ninguém se incomodou. Não sei nem em que lugar, eu sei que entrei na fila. Aí lá vai, lá vai, lá vai, lá vai... Quando chegou no terceiro hino do Antônio Gomes... ...ah... minha irmã! Aí lá vem tempo!

Começou umas coisa se enrolava nas minhas perna, aquelas coisa assim como rabo de cobra... e com um pouquinho eu já tava até sem condições assim de movimentar, as perna tudo enrolada. Aí digo eu vou cair... ..aí... ..que eu olho o pessoal, tava tudo santificado. Tudo santo! As coisas mais lindas! A irmandade toda santa, era assim até assim num círculo, né? Eu tava noutra astral, assim num círculo. Mas tudo santo. Épa... Aí eu saí corrigindo um a um dentro daquilo. Poxa! Lá vai... ..lá vai... ..lá vai... ..lá vai! Quando veio se aproximando aquilo de mim eu digo vou ver no que é que vai dar! Quando chegou a minha vez aí eu, era um sapo cururu! A há, há, há, há, há, há. [Gargalhada] Isquisito que só. Aí eu, aí eu fiquei eu digo: Valha-me Nossa Senhora! Um sapo desse feio no meio desse santo, eu tenho é que procurar um lugarzinho aí pra eu... Aí eu olhei e vi uma cadeira lá no, num cantinho. Ainda reuni condições cheguei lá me sentei na cadeira aí já não deu certo mais na cadeira aí já... foi no, no chão mesmo!

Mas aí foi trabalho! Foi trabalho que eu acho que esse trabalho eu mirei por toda a minha vida. Porque outros trabalhos... diversos... é... eu... já até tenho muito deles esquecidos. Alguns deles não, mas muitos deles sei que houve e tal mas já, já, eu me lembro assim como um sonho, né. Mas esse primeiro, foi como uma gravação né. Esse trabalho. Eu, dando conta ou não, mas num, não dei espetáculo. Assim de, de, não! Era eu lá comigo mesmo. Aí, vi. Ele me mostrou, ele me mostrou [pausa] alguns detalhes que eu descrevo né, que é longo.

Aí, dois caminhos, né. O da retidão. Ô cois... mandou eu até caminhar. Coisa mais linda. Aí me chamou, eu retornei, aí ele me mostrou o daqui, da perdição, da ilusão. Eu olhei, não quis aguentar, mas ele disse é pra você andar também, né? Aí, companheira não foi fácil! hé, hé, hé, hé. Aí foi aonde eu fui pagar pecado, confessar pecado, he he he, pra ver se escapava e tinha um jeito pra mim, tal mas... Um bom tanto! Aí uma aliviada eu voltei. Ele disse:

_ Agora tu tá aqui, viu, num viu?

_ Eu vi, sim senhor.

_ Você escolhe. A escolha é sua. Quer esse ou esse?

_ Valha-me Nossa Senhora! Há, há, há, há, há. Valha-me Nossa Senhora!

Mas isso eu fui me ver desde os nascimentos, né? Desde dos nascimentos. É... O, o Mestre diz: “Morrer é muito simples que é igualmente ao nascer.”

[Canto 2- Só eu cantei na barra

Só eu cantei na barra
Que fiz estremecer
Se tu queres vida eu te dou
Que ninguém não quer morrer

A morte é muito simples

Assim eu vou te dizer

Eu comparo a morte

É igualmente ao nascer

Depois que desencarna
Firmeza no coração
Se Deus te der licença
Volta a outra encarnação

Na terra como no céu
É o dizer de todo mundo
Se não preparar o terreno
Fica espírito vagabundo

2-Só Eu Cantei na Barra

Pd Luis Mendes



Hino nº 74, “O Cruzeiro”, Mestre Irineu Serra.

Partitura escrita por Marcelo Bernardes]

Mas esse trabalho é tudo! Ele também dá condições. Porque eu vi o meu nascimento. Vi! Vi! E a partir de tal todos os passos dados na minha vida, né. Fui ver, que os desta casa, que eu me considero ser, a gente já vem protegido já uma áurea de proteção já lhe acompanha. Mesmo antes de você chegar aqui. Eu tô dizendo de mim, né? Porque aquelas arruaças, aquelas coisas que eu fiz, aqueles perigos que eu passei, ou de me matarem ou de eu matar, eu fui ver que ali já era uma proteção que me tirava pra num acontecer nada disso. Nunca derramei o sangue de ninguém e nem o meu também foi derramado. Aí, enfim, aí lá vem as peraltices de criança, e lá vem. Aí, lá vem a adolescência! Aí a coisa foi começando a se acirrar, aí eu já tinha vinte e dois anos, mas na flor da idade né? Aprontando daqui, dali, dacolá. Aí eu fui ver, tudo isso aí até chegar o momento... que aquela mesma força protetora, disse agora tu vem pra cá.

Porque a gente num chega aqui, vocês chegaram porque já é de nascimento mas, fora, ninguém chega aqui porque se quer. Por isso que não é nem pra qualquer um... É um chamamento mesmo. Foi isso que ele que o, que ele me mostrou e eu identifiquei, né? Eu caí naquele chamamento pra ver se tinha um jeito pra mim.

E aí pronto, começou a... a... Dominei aquele vício! Me curei, né? Uma cura! Uma cura. Em especial porque, ao contrário daquilo tudo eu não tava mas contando a história. Tinha nem graça. Uma cura, né. Aí me introduzi e senti que realmente era aquilo que eu andava procurando. É aquilo que eu sonhava de alcançar. Então é me agarrar, né?

Aí dentro dessas descrições todinhas eu sofri muito. Eu tive, deitado nos braços dele. Foi o único trabalho assim, num digo espetáculo né, porque teve uma hora que a coisa apertou aí eu me sentei e olhei ele tava lá na varanda, ele na matéria mesmo né. Até fumando lá um charuto dele, né. Aí eu digo vou já lá onde tá o Mestre. Aí reuni ali umas condições, saí agarrado pelo parapeito cheguei lá me sentei perto dele, botei o braço no ombro dele:

_ Mestre, me acuda pelo amor de Deus! - Ele disse:

_ Mas rapaz, que é isso?

_ Olha, Mestre, tira esse negócio de mim... tá demais! – (A há, há, há, há, há) Ele disse:

_ Você não pediu Daime pra mirar? - Eu digo:

_ Foi, mas é demais... faça isso não...

Há, há, há. Aí é que de repente ... “prrráá!”... Pronto eu ôpa! Beleza! Agora sim! Agora tô em mim, né. Aí lá vinha desenrolando de novo como um carretel né?! Lá vem de novo! Aí ele foi mandou me deitar. Um bancão largo assim, me deitar aí botou o... [Mostra o braço direito em formato de colo] ...o... [Troca, e mostra o braço esquerdo] ...é, desse lado aqui, é. Aí eu me deitei estirado assim, e ele botou o braço aqui, fez uma curva, eu fui deitei a cabeça na curva do braço dele. Eu acho que foi o conforto maior que eu já senti assim na minha vida!

Fiquei flutuando como um algodão! Há, há, há, há, há. Digo: Mas ô coisa boa. Mas a gente é tão besta, digo assim no grosso, que, que com todo, com tudo aquilo eu ainda me aperreei, ó?! Queria era que passasse aquilo, né. E aí nessa daí eu me sentei, quando eu me sentei ele não tava mais. Num sei,

deu um jeito que saiu e eu não vi. Mas aí eu, ele me deixou na condição de eu até fazer os acompanhamentos direitinho, tal, tal, tal, tal. E aí vi quando casei, vi que a mulher era pra ser minha. Vi quando eu casei, vi tudo, tudo, tudo ele me mostrou assim e, a passo mesmo. Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo.⁵ Mas, o mais importante não fica só aí. [Pausa] Porque ele me mostrou também o futuro, né. Os tempos vindouros, né. Hoje quando eu bem num penso estou alcançando digo ah... Aquilo que ele me mostrou lá. Há, há, há, há. Dessas viagens que a gente faz quando eu dou fê tou naqueles lugares assim aí, chega eu me assusto. Isso aqui... ..isso aqui eu já passei. Aí eu ligo, aí vejo que foi ele me mostrou, né. Na primeira miração. Enfim.

[A próxima história ele contou na sequência da anterior, como uma continuação mesmo. Todas as vezes que gravei ele contando sua chegada na doutrina, na sequência ele conta essa história das “férias”. Só acrescentei mesmo o título]

Conto 2- Em busca de umas férias

Luiz Mendes: *Aí é assim: não tem pra onde correr, porque, até vontade eu já tive, não minto, de algumas vezes ter, assim, achar que melhor pra mim era correr. Só que essa porta pra mim não se abre! Graças a Deus, né?! Eu vejo portas abertas, mas pra entrar. Pra sair eu não vejo, né. E eu não vou meter a cara, pra quebrar a cara! Há, há, há, há, há, há.*

Fui, eu fui uma vez atrás de umas férias. Eu, eu sou cheio de coisas, né? Às vezes quando boto na cabeça, aí... O compadre Chico Granjeiro às vezes me dizia umas coisas, outros, aí ficava calado. Eu digo: eu vou tomar Daime pra verificar essa história. Aí foi justamente dentro disso que... Eu tomei Daime, pra ir atrás de umas férias, né? No astral! Até a gente atrás de andar como piolho na, na cabeça dos outros, às vezes aqueles companheiros eu encontrava:

_ Mas rapaz, pois tu nunca mais apareceu por lá...

É daqueles que vem de ano em ano, então quando acha que deve...

_ Tô passando umas férias.

Eu digo: mas é muita folga há, há, há, há há!! Aí, aí, há, há, aí eu digo rapaz, eu vou buscar também aí como qualquer férias, poxa, num é possível um negócio desses, tanta luta! Ora, mas tomei Daime e fui bater lá. Cheguei num departamento... Muito bonito o departamento, né. Tudo movimentado, vários, várias instâncias é, enorme! Muito grande, é um centro assim de... ..eu, observei até ligando é... ..na história de Chico Xavier, hospitais, é aquele povo internado, e tal, bom, mas aí meu caso era férias. Depois aí foi que eu fui ver essas coisas, mas meu caso foi férias, né.

Quando eu cheguei aí um rapaz me recepcionou, um baixote assim, caboclo bonito...:

_ Ôpa! - Eu digo:

_ Ôpa!

_ Tá fazendo por aqui? - Aí eu não escutei conversa:

_ É companheiro, eu vim por aqui, atrás de umas férias. Eu tô precisando aí dumas férias... - Aí ele fez assim um gesto que estranhou, um gesto estranho. Ele disse:

_ Férias? - Eu digo:

_ Sim senhor, férias... - Ele disse:

_ Rapaz aqui a gente não conhece essa coisa não, férias, não. A gente num se conhece isso não.

_ E não, é?!

⁵ Em outra ocasião, limpando cana com alguns irmãos, Luiz Mendes também conta essa história. Como não terei espaço para repetir as histórias recontadas, que foram muitas e mais de uma vez, trago aqui apenas uma observação que acho importante destacar de sua outra narrativa: “É. E aí eu, que eu, quando eu me casei eu me casei com, com vinte e dois anos. Mas hoje se me perguntasse a minha idade e eu tivesse que responder naquilo que realmente é real, que idade você tem? Eu diria cinquenta e quatro anos, só que não ia mais era combinar... [todos riem] Porque são cinquenta e quatro anos de renascimento...” (Luiz Mendes, Comunidade Fortaleza, 27/06/2014).

_Conhece aqui... ..num tá no nosso dicionário... aí... Agora... tem... é... como é... Aposentadoria! - Há, há, há, há. - Tem aposentadoria... Quer, se aposentar?

Mas nisso aqui eu já vou vendo aqui um caixão! Um caixãozão. Há, há, há, há. Aí, eu digo:

_ Não, companheiro! Poxa, poxa eu tô com vontade é de trabalhar, eu tô tão disposto!

He, he, he, he. Aí depois foi que passou assim pra essas outras coisas. [Hospitais, etc.] Aí hoje assim, em resumo, assim, eu digo mesmo: devo tudo na minha vida a essa doutrina, ao Daime, ao Mestre, né. Até mesmo pela razão de eu ainda existir, tá aqui na carne, né. Porque houve essa, essa, essa cura espiritual que foi a coisa do álcool, né? Mas, ao longo desse tempo, eu já fui curado por algumas vezes assim de coisas que até, eu debito milagres, né? Milagres. Então por isso eu digo: ainda existo porque essa doutrina é quem vem providenciando. Até chegar naquela que o Saturnino define, aquela se generaliza, que é a plenitude. Na matéria não tem mesmo. Até um dia. Por aqui escapando.

Aí, enfim. Aí, eu vou, vou, vou, vou, porque, é, é até uma obrigação que se tem, né. Da gente, ir, ir, ir, ir, fazendo o seu esforço! Mas é até aonde você pode ir porque eu já passei por isso e sei. Bom, Mestre, agora, daqui pra frente, tá nas suas mãos, né. Num sou dono de filho, que eu lá tenho filho... Tudo eu entrego na mão dele, né. Lá sou dono de mulher? Lá sou dono, nada! Foi ele quem me deu, como é que eu sou dono? Lá sou dono de negócio, lá sou dono de nada, né?! Aí... venho me entregando assim, dessa forma.

(Comunidade Fortaleza, Capixaba, Acre, 29/07/2014.)

DIÁLOGOS, TRADUÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Sem a pretensão de traduzir a vida e a obra viva de Luiz Mendes para o recorte de um artigo, o que efetivamente trago à tona são “gotas” de suas experiências vividas/lembradas/narradas; “gotas” de sua poética, textos e contextos, recordações/representações acerca de si e da doutrina do Daime. Na transcrição dos contos e cantos apresentada, portanto, o exercício subjetivo e efetivo da produção do documento oral; um duplo exercício da tradução. O orador traduz suas memórias, suas experiências, suas mirações em narrativas e hinos (e também em poemas, chamados, orações, preleções, etc.), em falares e cantares performáticos; eu enfrento o desafio de traduzi-los para a escrita. Nesse exercício, me remeto a Cesarino e faço minhas as suas palavras:

[...] nosso norte não é o critério quantitativo e nem, por outro lado, a necessidade de validar a experiência alheia a partir de seu estabelecimento na escrita poética. Trata-se, antes, de encontrar os elementos a partir dos quais se torna possível pensar no registro, original e positivo, de um pensamento xamanístico amazônico. (CESARINO, 2011, p.22)

Antes de prosseguir, gostaria de pontuar que o que se estabelece entre a pesquisadora, o narrador, sua mensagem e voz, os referenciais teórico-metodológicos e a escrita é um diálogo; uma relação dinâmica - lembrando, nas palavras do poeta, que “para que haja relação é preciso que haja duas ou várias identidades ou entidades donas de si e que aceitem transformar-se ou permutar com o outro” (GLISSANT, 2005, p.45). Dentro dessa perspectiva, lido com múltiplas subjetividades e claro está que não existe a possibilidade (e nem a intenção) de oferecer uma descrição ou uma análise objetiva acerca dos textos e contextos de Luiz Mendes.

Nesse sentido, me parece que a breve apreciação que aqui empreendo constitui mais um exercício de tradução. Agora procuro traduzir minha experiência com oralidades e práticas culturais amazônicas, mais especificamente, com a pessoa de Luiz Mendes e a comunidade daimista que o cerca, seus textos e contextos, experiências, memórias e narrativas, saberes e fazeres; sua voz, performances e poética registradas, em parte, nos contos e cantos. Traduzir ao que sua produção verbal me remete, ou aquilo que dela incorporei, para a escritura, procurando trazer à tona notas de sua (voz) poética e seu pensamento daimista/amazônico/ xamanístico. Lembrando que a tradução é “inerente à expressão e à compreensão humana, a qualquer forma de intersubjetividade, e existe tradução de uma língua à outra, mas também de um momento a outro da mesma língua, de um grupo de falantes a outro e, no limite, de qualquer texto (oral ou escrito) a seu receptor” (LARROSA, 2004, p.72).

Assim, nas memórias ancoradas em seu corpo vivo e nas narrativas que ressoam na voz que desse corpo emana, constituindo sentidos a partir do tempo presente, *seu* Luiz tece representações acerca de sua trajetória de vida, suas experiências e aprendizados na doutrina do Daime. E, na apreciação de seus textos, performances e poética, teço aqui minhas próprias representações.

No “Conto 1” me deparo com uma forma de aprendizado e uma medicina que tem como principal agente o Daime servido por Mestre Irineu. A ingestão do chá no contexto ritual proporciona a Luiz Mendes um estado de êxtase, ou um estado de expansão da consciência onde ele vive uma experiência fortíssima, profundamente gravada há cinquenta e quatro anos em seu corpo, em sua memória e socializada por sua voz: “Mas aí foi trabalho! Foi trabalho que eu acho que esse trabalho eu mirei por toda a minha vida. Porque outros trabalhos [...] muitos deles sei que houve e tal mas já, já, eu me lembro assim como um sonho, né. Mas esse primeiro, foi como uma gravação né”.

Visualizo no conto em questão, na representação oral que o narrador faz de sua miração, uma forma de conhecimento e de cura proporcionados pelo contato com uma planta professora, no contexto em questão, chamada de Daime (Sobre plantas professoras ver: ALBUQUERQUE, 2011; LUNA, 2002; MACRAE, 1992). Observo que a miração vai muito além de uma visão ou de um conhecimento abstrato inserido em uma lógica racionalista. De acordo com os detalhes da narrativa, é possível afirmar que Luiz Mendes sente e grava em seu próprio corpo aquela experiência vivida em estado de êxtase. Estabelece-se, portanto, uma profunda relação entre os estados mentais e a matéria. Situados dentro da doutrina de Mestre Irineu, tais práticas/saberes fazem parte da epistemologia da Ayahuasca mantendo conexões com práticas de xamanismos indígenas e mestiços das Amazônias.

Na força do Daime (expressão nativa para referir-se ao momento em que as propriedades do chá são sentidas por aqueles que o ingeriram), Luiz mergulha em uma vivência que subverte a “monocultura do tempo linear”. Posso, a partir da análise da narrativa, afirmar as palavras de Albuquerque:

Quando se toma ayahuasca, o tempo não é mais o tempo cronológico do relógio, mas o tempo do *cipó*. Ora, como vimos com Santos (2008a), a monocultura do tempo linear é uma das características mais bem-sucedidas da modernidade ocidental. A ayahuasca, ao subverter as clássicas noções de tempo, configura-se como uma experiência que afronta, e com isso desafia a visão dominante de tem-

poralidade ao instituir outros modos de vivenciar o tempo. (ALBUQUERQUE, 2011, p.124)

Luiz Mendes revive o seu passado a partir de uma nova ótica proporcionada pelo professor vegetal e percebe de forma mais clara o presente. “Mas o mais importante não fica só aí”, porque ele também vê o futuro. Dentro dessa articulação entre o tempo presente e o tempo mítico⁶, o Daime guia o neófito por um caminho interior e ele é levado a ver, e não somente ver, mas sofrer, as consequências de suas peraltices, seus defeitos, seus erros. Por outro lado, ao trilhar o “caminho da retidão”, vislumbra e experimenta possibilidades afáveis para sua vida. Trazido para o aqui-agora ele pode escolher. Pode exercer o seu livre-arbítrio. A intensidade da experiência proporciona uma transformação na sua conduta e Luiz Mendes experimenta uma ruptura com o passado. Uma cura; um renascimento.

Destaco que a situação de aprendizado vivida/narrada é mediada pelo Daime e não por um ser humano. Situada no campo das plantas professoras, vislumbro a existência de formas de aprendizado que suplantam a dicotomia natureza/cultura difundida pela ciência moderna. Assim como coloca Albuquerque, estou diante de

saberes que embora sejam recebidos pelos humanos – posto que a ayahuasca não ensina a si mesma – não são, contudo produzidos pelos humanos, mas pela ação das plantas (ou das substâncias) e pelas transformações que elas produzem no próprio corpo. Pensar as plantas como sujeitos do saber implica considerar a possibilidade da produção desse saber centrar-se num ser não humano o que, em si mesmo, configura-se uma heresia epistemológica na medida em que viola as clássicas distinções entre natureza e cultura que transformou as plantas em meros objetos do saber, mas nunca em sujeitos do saber. (ALBUQUERQUE, 2011, p.77)

Vivências de teor semelhante são apresentadas por Pedro Luz (2002, p.40-53), ao tratar do uso da bebida com seus diversos nomes entre os povos Tukano, do *nixi pae* ou *huni* entre os chamados Kaxinawá, ou Huni Kuin, ou do *kamarampi* entre os Ashaninka. Jaques Mabit (2002, p.162-169) descreve aspectos análogos quando se refere às sessões de Ayahuasca com curandeiros mestiços e autóctones da região de San Martín, Alta Amazônia Peruana. Edward MacRae (1992, p.47-48) também traz pontos idênticos ao abordar as concepções de práticas de vegetais com relação às doenças e ao uso da Ayahuasca para a cura. Conforme é possível apreciar, a partir de narrativas de Luiz Mendes e também dos textos de diversos pesquisadores (ALBUQUERQUE, 2011; COUTO, 1989; FRÓES, 1986; MACRAE, 1992; MENDONÇA; NASCIMENTO, 2019; RABELO, 2013), o tema da cura de doenças é bastante presente na doutrina do Daime, havendo inclusive trabalhos específicos destinados para esse fim. Doenças e curas que, “segundo a tradição xamânica, não estão dissociadas das dimensões físicas, mentais e espirituais” (ALBUQUERQUE, 2011, p.194).

Noto que tal concepção se distancia da medicina moderna, nomeada por Fritjof Capra de “modelo biomédico”. Modelo profundamente alicerçado no pensamento cartesiano e sua rígida separação mente/corpo, natureza/cultura, bem como a concepção reducionista do corpo como uma máquina que pode ser compreendida na organização e funcionamento de suas peças. Embora reconhecendo os êxitos alcançados por tal modelo,

⁶ De acordo com Mircéa Eliade (1992; 2002) o tempo mítico seria o tempo sagrado; tempo alcançado em sonhos ou viagens extáticas; oposto ao tempo histórico e profano/cotidiano.

Capra (2012, p.119) aponta suas limitações, afirmando que, entre outras deficiências, “ao concentrar-se em partes cada vez menores do corpo, a medicina moderna perde frequentemente de vista o paciente como ser humano”. De acordo com Capra, ao reduzirem a saúde a um funcionamento da “máquina” corporal e dentro de uma formação extremamente especializada, os médicos que compartilham de tal concepção negligenciam os aspectos sociais, psicológicos, sociais e ambientais da saúde e das doenças e não podem “mais ocupar-se do fenômeno da cura”. De acordo com o físico e teórico, o termo “curar” é visto com desconfiança nas escolas de medicina ocidental e, dentro do exclusivismo gerado pela ilusão do “pensamento científico”, os pesquisadores/médicos tendem a desprezar, invalidar e, quando não, perseguir, qualquer outra medicina. (Para maior aprofundamento na discussão a respeito da medicina moderna, ver: CAPRA, 2012, p.119-157).

O modelo biomédico - apesar de ser apenas um dentre os muitos modelos de medicina existentes e praticadas por homens e mulheres em diversas localidades do mundo - tornou-se dominante. Imerso em uma lógica abissal, exerce forte influência sobre corpos e mentes e, conseqüentemente, sobre a organização sócio-político planetária; a ele se une o discurso jurídico. Alicerçados na epistemologia moderna ocidental, no exercício de uma hierarquização de saberes traçam linhas divisórias radicalizando diferenças e criando oposições binárias e excludentes. Dentro do tema em questão, as plantas professoras são rotuladas pejorativamente de alucinógenos. E as medecinas praticadas a partir do uso ritual que se faz delas, além de terapias diversas e usos de outras plantas, são nomeadas de “medicinas populares” ou curandeirismos e passam a ser, assim como seus praticantes, invalidadas, discriminadas e até consideradas ilegais. No âmbito do chamado “epistemicídio”, tais práticas são colocadas “do outro lado da linha”, em oposição ao conhecimento dito racional, científico e legal, considerado o único conhecimento verdadeiro e real. (Veja mais em: ALBUQUERQUE, 2011; CAPRA, 2002; MENDONÇA; NASCIMENTO, 2019; SANTOS, 2009).

A narração/transcrição/leitura do “Conto 1” (e de outros mais que constam no livro já citado) me coloca, entretanto, diante de uma forma de conhecimento e de uma medicina verdadeiras e reais. Tanto que sentidas e gravadas no corpo/memória do narrador e comprovadas em sua saúde e conduta social. Estou diante da representação de uma experiência que diz respeito à lógica xamânica, à epistemologia da Ayahuasca onde uma bebida vegetal possui personalidade e saber; e atua como guia, professor e doutor. Experiência que subverte as noções de tempo, medicina e educação fundamentadas em parâmetros ocidentais da modernidade. Corpo e mente, natureza e cultura, tempo sagrado e tempo cotidiano se interpenetram, estabelecem relações profundas. Ao contrário do que propõe o “pensamento abissal” das “culturas atávicas”, longe de ser uma alucinação nociva à saúde do indivíduo e à sociedade como um todo, noto na narrativa de Luiz Mendes que o consumo do Daime e o efeito por ele produzido está profundamente associado à virtude moral e religiosa e à cura de doenças.

Ainda no “Conto 1”, *seu* Luiz toca, embora sutilmente, em outro tabu da modernidade ocidental: a morte. De acordo com Walter Benjamin (1994) a consolidação do capitalismo moderno - assentado em processos industriais, no individualismo, no tempo cronológico e linear, homogêneo e vazio, na informação, na palavra e conhecimento escritos veiculados pela imprensa e pelo romance etc. - acarretou o esvaziamento da experiên-

cia coletiva. Esvaziamento que se fez sentir no declínio (extinção, afirma o autor) da arte de narrar; e de morrer. Evitando o “espetáculo da morte” e expulsando-a do universo dos vivos, “os burgueses vivem em espaços depurados de qualquer morte e, quando chegar sua hora, serão depositados por seus herdeiros em sanatórios e hospitais”; o enfraquecimento da ideia de eternidade causou, de acordo com Benjamin, uma transfiguração do “rosto da morte”. Como pondera Capra (2012, p.140), no domínio da ciência médica ocidental, a morte é fim; é a “paralisação total da máquina-corpo”. Colocada como o oposto absoluto da vida, no âmbito da sociedade moderna, a morte passou a ser negada e, tanto quanto possível, evitada; nessa cultura, “a antiquíssima arte de morrer deixou de ser praticada”.

O narrador, contudo, com a simplicidade que lhe é própria e a partir da “cultura daimista” (tal como ele a aprende, constitui, vive, lembra, narra), desmonta o tabu com uma única frase que retira da poesia espiritual recebida, cantada e bailada por Raimundo Irineu Serra: “Morrer é muito simples, é igualmente ao nascer”. Observo que dentro dessa proposição a morte não exclui a vida. Antes, estabelece com ela uma relação. Assim como nas “culturas do sagrado” apresentadas por Eliade (1992, p.73), para o orador do Mestre Irineu a morte é encarada com naturalidade, como parte da pulsação dos ritmos cósmicos da eternidade; “a morte não põe um termo definitivo à vida: a morte não é mais do que uma outra modalidade da existência humana”. A própria iniciação espiritual de Luiz Mendes com o Daime, a exemplo de diversas iniciações xamânicas e práticas rituais com o uso da referida bebida, constitui uma pequena morte e/ou uma preparação para ela. (Para mais aprofundamento nessa temática veja: ELIADE, 2002, p.49; FRÓES, 1986, p.90; LUZ, 2002, p.39-56; LUNA, 2002, p.188)

É preciso destacar, contudo, que, embora não seja temida ou evitada, a morte também não é buscada! E para finalizar essa apreciação, pelo menos provisoriamente, me volto para o “Conto 2 - Em busca de umas férias”. Narrando um pouco de sua trajetória, Luiz Mendes não mente: diante de tanta luta, tanta responsabilidade assumida dentro da doutrina, já teve vontade de “correr”. Se achando cansado e aviltado por aqueles companheiros sem compromisso com o trabalho do Mestre, ele decide tomar Daime e ir atrás de umas férias, “no astral”, na realidade espiritual. Pois foi “bater lá”. Interessante notar que em um conto que versa sobre a morte, o narrador deixa entrever traços do espiritismo, conforme apresentado por escrituras de “Chico Xavier”; traços que, em uma ecologia de saberes (SANTOS, 2009), compõem sua paisagem cultural. A narrativa da miração parece versar sobre uma empreitada coloquial. Algo assim como um trabalhador rural que se desloca para uma cidade próxima no intuito de buscar, junto ao órgão competente, informações acerca de seus direitos; no caso, o direito de férias. No entanto, há uma espécie de choque cultural pois naquela localidade ignora-se a palavra/definição do pretense direito buscado “...num tá no nosso dicionário...”. Procurando algo similar, que pudesse satisfazer os anseios do trabalhador, o atendente então lhe oferece a aposentadoria. A palavra associada à imagem do caixão deixa evidente ao trabalhador, no caso um trabalhador daimista, que, para a luta cotidiana empreendida, o único descanso é a morte corporal. E naquele momento, naquela realidade espiritual, a ele é dado um poder de escolha: “Quer se aposentar?”. Ao que Luiz prontamente responde: “Não, companheiro! Poxa, poxa eu tô com vontade é de trabalhar, eu tô tão disposto!”. Assim conta o narrador, entre risos contagiantes.

E arrematando sua narrativa que começa lá no “Conto 1”, constituindo sentidos a partir do tempo presente, Luiz Mendes afirma com alegria e simplicidade que deve tudo o que tem nessa vida à doutrina, ao Daime, ao Mestre. Tantas curas, tantos ensinamentos. Sua família, sua existência, enfim. E, assim, segue trabalhando e se entregando ao Mestre professor e curador. A ele procurando escutar.

Porque,
Ouvir e escutar,
São palavras sinonimadas!
Mas dentro da doutrina,
É diferente.
Tem diferença!
[...]
Hoje,
Nós vamos,
Se Deus quiser,
Procurar
Escutar!
O nosso Mestre.
Que é a razão,
Justamente,
De tudo isso existir...

(Luiz Mendes do Nascimento *in*: MENDONÇA; NASCIMENTO, 2019, p.205)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto nos diálogos em campo quanto naqueles que estabeleço em minhas traduções e representações escritas, procurei escutar o narrador, com ouvidos atentos de pesquisadora aprendiz. Pude notar que, ao narrar suas histórias vividas, cotidianas ou extáticas, o ancião conhecido como o orador de Mestre Irineu, exerce a função social que lhe é própria: “a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade” (BOSI, 1994, p.63). Ao recordar e narrar a partir do presente as experiências passadas, ele atribui sentidos e as faz significativas para si e para os que o escutam. Estamos diante do que Bosi considera “um movimento peculiar à memória do velho que tende a adquirir, na hora da transmissão aos mais jovens, a forma de ensino, de conselho, de sabedoria, tão bem esclarecida na interpretação que Walter Benjamin fez da arte narrativa” (BOSI, 1994, p.481).

E, no caso dos contos e cantos de Luiz Mendes, essa arte de narrar se amplia fazendo parte de uma “tradição narrativa da Ayahuasca” (LANGDON, 2002). Ou ainda do que Ana Pizarro entende por “literatura amazônica”: uma literatura produzida na “Amazônia” que, de acordo com a pesquisadora, pode ser exemplificada pelas narrativas orais constituídas a partir da Ayahuasca (com seus muitos nomes e usos), onde a vida é perpassada por diferentes formas de percepção e ocorre uma transposição de linguagem. Uma linguagem narrativa que incorpora outras formas de mundo, ou outros mundos, outras cosmologias (e epistemologias). Pizarro a diferencia de uma literatura escrita fora da “Amazônia” e que versa *sobre* ela. No caso uma literatura de tema amazônico, produzida a partir de um olhar externo que na maioria dos casos folcloriza as Amazônias, suas culturas e habitantes (PIZARRO, 2015).

De acordo com Zumthor, o termo folclore é empregado por uma “elite literária” consolidada a partir da modernidade ocidental para qualificar o seu Outro. Elite culturalmente etnocêntrica que funda a “literatura” como instituição totalitária onde prevalece a hegemonia da escrita e dos modelos socioculturais do dominador europeu (governantes, burgueses, colonizadores...). Cria-se e difunde-se um discurso total e homogêneo que veicula uma visão de mundo que serve aos interesses dominantes. Discurso que traça estratificações e oposições binárias tais como “erudito” x “popular”, “literatura” x “o resto”. Corpos e vozes foram, e continuam sendo, ativamente marginalizados; tidos como algo “distante” (no tempo e no espaço); “atrasado”, “popular”. Seus saberes e práticas culturais tomados como objetos de adorno da “cultura nacional”. Alegorias que não exercem mais nenhuma função social. São, enfim, folclorizados. (ZUMTHOR, 1993; 2005; 2010)

Compartilho de suas proposições. Mesmo que neste artigo a expressão literatura oral seja utilizada, ela não deve ser lida como adjetivo, como folclore oposto aos “cânones literários”. Deve ser apreendida sob a perspectiva dos Estudos Culturais como múltiplos textos que fazem parte de culturas vivas; que trazem à tona vozes aviltadas, silenciadas (HALL, 2003; WILLIAMS, 1979); “*performances* e literaturas insurgentes que vêm abalando o predomínio norte ocidental com seus sistemas de avaliações e classificações” (ANTONACCI, 2014, p.333). Enfim, conforme já mencionado, ao invés de ser lida a partir das lentes etnocêntricas, essencialistas e dicotômicas da modernidade ocidental (“alto ou baixo” “popular ou erudito”, “escritura ou oralidade”, “centro ou periferia”, “memória ou história” etc.), a literatura oral amazônica-daimista que procuro fazer ecoar (a saber os contos e cantos de Luiz Mendes) passa a ser lida como “repertório de resistência” (HALL, 2003, p.229).

Repertório constituído em tensão, mas não em oposição aos repertórios dominantes. Que ao apresentar em si mesmo as estratégias dialógicas inerentes às estéticas diaspóricas “burla a essencialização da diferença dentro das duas oposições mútuas ou/ou” e pode “deslocar-nos para um novo tipo de posição cultural” (HALL, 2003, p. 344). Uma posição que adota como propósito a substituição do “ou” “pela potencialidade e pela possibilidade de um ‘e’ o que significa a lógica do acoplamento em lugar da lógica da oposição binária” (HALL, 2003, p.345).

As poéticas da voz e cultura daimista/amazônica vividas, lembradas, recriadas e proclamadas por Luiz Mendes são expressão viva de uma “desobediência epistêmica” - considerando que “a opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais” o que significa, “entre outras coisas, *aprender a desaprender*, já que nossos (um vasto número de pessoas ao redor do planeta) cérebros tinham sido programados pela razão imperial colonial” (MIGNOLO, 2008, p.290). Constituem um repertório que traz à tona Epistemologias do Sul (SANTOS, 2009) ou, mais especificamente, a lógica xamânica da epistemologia ayahuasqueira (ALBUQUERQUE, 2011). Repertório inserido em uma poética da relação ou da diversidade tal como pensada por Glissant (2005). Distanciando-se das culturas atávicas e das linhas abissais euro e etnocêntricas da modernidade ocidental e aproximando-se de estéticas das diásporas (HALL, 2003), são culturas constituídas a partir da circularidade de pessoas e saberes no mundo, de imbricadas relações que escapam aos objetivos da colonização e produzem novas culturas, novas identidades. Se mantivermos os ouvidos abertos, procurando verdadeiramente escu-

tar essas poéticas, perceberemos que tais repertórios podem contribuir para transformar e/ou ampliar imaginários; para descolonizar mentes e comportamentos.

BREVE GLOSSÁRIO

Ayahuasca: é o nome quíchua de uma bebida feita a partir do cipó Jagube (*Banisteriopsis caapi*) e das folhas Rainha ou Cacrona (*Psychotria viridis*), utilizada milenarmente por muitos povos das muitas Amazônias. Embora entre os diversos povos indígenas ocorram variações nessa composição. Luis Eduardo Luna contabilizou pelo menos 42 nomes diferentes para o preparado feito a partir do cipó *Banisteriopsis*. Etimologicamente, o termo quíchua *Ayahuasca* é formado pelas expressões *Aya*: pessoa, alma, espírito, morto; *Wasca*: corda, trepadeira, cipó. Daí a possível tradução “cipó das almas” (LUNA, 2002). A bebida atua sobre o corpo/mente daqueles que a ingerem e possui muitos usos de acordo com o contexto.

Daime: A bebida conhecida genericamente como Ayahuasca (ver nota 5) é rebatizada por Raimundo Irineu Serra com o nome de Daime referindo-se ao verbo dar: “Dai-me luz”, “dai-me força”, “dai-me amor”, “dai-me saúde”. Seriam invocações ou pedidos feitos ao se tomar o chá. O nome da bebida virou sinônimo da doutrina fundada pelo Mestre Irineu: Daime ou Santo Daime.

Daimista: relativo à doutrina do Daime.

Hino: no contexto daimista, hinos são mensagens percebidas/recebidas em momentos de contato com realidades não-ordinárias vivenciados sob o efeito do Daime. Não podem, contudo, ser desvinculados da pessoa que os recebe; pessoa inserida em contextos históricos e socioculturais. Poemas cantados que, dentro de uma tradição oral, são primeiramente escutados/percebidos/vivenciados pelo “receptor” e posteriormente transmitidos por sua voz aos demais. Constituem a base fundamental do culto daimista no que diz respeito ao ritual propriamente dito, à transmissão e preservação dos saberes e aos princípios éticos a serem praticados pela irmandade no dia a dia.

Juramidam: Breve definição: Juramidam é o nome espiritual de Raimundo Irineu Serra, o Mestre Irineu. Assim como a bebida é rebatizada e inserida em uma nova ritualística, também Irineu recebe um novo nome, condizente com suas novas funções de Mestre: Juramidam.

Miração: é o nome dado na doutrina do Daime para os efeitos do chá, que comportam a ampliação da percepção comum. Durante a miração a pessoa pode receber curas; ver, ouvir, sentir, perceber outras realidades/mundos/seres; experimentar/entender realidades cotidianas por perspectivas não ordinárias. “Para um iniciante, é, antes de tudo, uma viagem ao seu interior”.

POETICS OF THE VOICE AND DAIMISTA/AMAZONIAN CULTURE: DIALOGUES, TRANSLATIONS AND REPRESENTATIONS

ABSTRACT: Here is an excerpt of the research carried out in the Postgraduate Program in Letters: Language and Identity of the Federal University of Acre. Adopting Cultural Studies (HALL, 2003; WILLIAMS, 1979) as a theoretical-methodological framework, language is perceived as a terrain of struggle. In this sense, in dialogue with the transcribed short stories and songs by Luiz Mendes - oral document produced according to the methodology of Oral History (PORTELLI, 2010); looking through the lenses of diversity poetics (GLISANT, 2005), resistance repertoires (HALL, 2003), Ayahuasca epistemology (ALBUQUERQUE, 2011) - the aim is to revisit aspects of the “daimist culture” lived, remembered, proclaimed by the Mestre’s speaker

Irineu; to make echoes of these poetics of the voice / oral daimist / ayahuasqueira / amazonian literature and of the other epistemology that permeates it; bring up oral and written translations / representations of knowledge / practices that subvert hegemonic patterns and can contribute to the decolonization of minds. It is also a “revolutionary” conception / presentation (FREIRE, 2014), perhaps, of literary-academic texts.

KEYWORDS: Daime. Luiz Mendes. Poetics of the voice. Amazonian cultures. Translations/representations.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. B. B. **Epistemologia e saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.
- ALBUQUERQUE, M. B. B. Educação e saberes culturais: apontamento epistemológicos. In: PACHECO, A. S; *et al.* (Org.). **Pesquisas em Estudos Culturais na Amazônia**: cartografias, literaturas & saberes interculturais. Belém: AEDI, 2015, pp. 649-690.
- ANTONACCI, M. A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2014.
- BÁ, A. H. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Pala Athena/Casa das Áfricas, 2003.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. 13.ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, volume 1. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. In: BRANCO, Lucia Castello. (Org.) **A tarefa do tradutor de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Tradução de Karlheinz Barck e outros. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. Tradução de Álvaro Cabral. 30ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- CESARINO, P. **Oniska**: poética do xamanismo na Amazônia. São Paulo, Perspectiva – Fapesp, 2011.
- COUTO, F. L. R. **Santos e Xamãs** – Estudos do uso ritualizado da ayahuasca por caboclos da Amazônia, e, em particular, no que concerne sua utilização sócio-terapêutica [sic] na doutrina do Santo Daime. Dissertação de mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1989.
- ELIADE, M. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. Trad. Beatriz Perrone- Moisés e Ivone. São Paulo: Martins Fonte, 2002.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões, Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014
- FRÓES, V. F. **História do Povo Juramidam**: introdução à cultura do Santo Daime. 2. ed. Manaus: SUFRAMA, 1986.
- GILROY, P. **Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.
- HALL, S. **Dá diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- LANGDON, E. J. A tradição e aprendizagem com yagé (ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia. In: LABATE, Beatriz, C; ARAÚJO, Wladimir, S. (org.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

- LUNA, L. E. Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena. (org.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LUZ, P. O uso ameríndio do *caapi*. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (org.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2.ed. Campinas; Mercado de Letras, 2002.
- MABIT, J. Produção visionária da Ayahuasca no contexto dos curandeiros da Alta Amazônia Peruana. In: LABATE, B. C; ARAÚJO, W. S. (org.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2.ed. Campinas; Mercado de Letras, 2002.
- MACRAE, E. **Guiado pela Lua**: Xamanismo e uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MENDONÇA, F C; NASCIMENTO, L. M. **O Orador do Mestre Raimundo Irineu Serra**: diálogos, memórias e artes verbais. Rio Branco, Nepan, 2019.
- MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica**: A opção descolonial e o significado de identidade *em* política. Tradução de Ângela Lopes Norte. Caderno de Letras da UFF. Dossiê: Literatura, língua e identidade, n° 34, pp. 287 - 324, 2008.
- PIZARRO, A. **Intercâmbios oralidades/escritas em patrimônios linguísticos e literários amazônicos-latino-americanos**. IX Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental _ Línguas e literaturas indígenas. PPGLI, campus da UFAC, Rio Branco, Acre, 11 de novembro de 2015. Registro da conferência durante o simpósio.
- PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto de História**. Tradução de Elenice Mazzilli; et.al. São Paulo: PUC, n° 15, p.13-50, 1997.
- RABELO, K. B. **Daime Música**: Identidades, transformações e eficácia na música da Doutrina do Daime. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- SANTOS, B. de S. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra, Edições Almedina, 2009.
- WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A. 1979.
- ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**: A “literatura” medieval. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das letras, 1993.
- ZUMTHOR, P. **Escritura e nomadismo**: entrevistas e ensaios. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.